

## RECURSOS ANIMAIS UTILIZADOS NA MEDICINA TRADICIONAL DOS ÍNDIOS PANKARARU NO NORDESTE DO ESTADO DE PERNAMBUCO, BRASIL

Jaciara Raquel Barbosa de Lima<sup>1</sup>  
Carlos Alberto Batista dos Santos<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado da Bahia, DEDC, Campus VIII.  
Monitora de Pesquisa.

<sup>2</sup>Biólogo, Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia.

---

### RESUMO

O presente estudo trata do uso de animais na medicina tradicional dos Índios Pankararú, localizado no interior do Estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. O estudo foi desenvolvido entre os meses de janeiro a junho de 2010, realizando-se entrevistas abertas e semi-estruturadas com 20 informantes de ambos os sexos, cujas idades variaram de 41 a 78 anos, escolhidos segundo a indicação dos próprios moradores. Foi registrado um total de 51 etnoespécies de animais usadas na medicina tradicional dos Pankararus indicados para o tratamento de 25 enfermidades diagnosticadas localmente. Os animais listados distribuem-se em cinco categorias taxonômicas: insetos, aves, mamíferos, répteis e anfíbios. Destes, insetos e mamíferos foram os grupos mais representativos. Os resultados obtidos demonstram a importância dos animais para a medicina popular dos Pankararus, e tornam-se uma fonte relevante de dados tanto para as indústrias farmacológicas na descoberta de novos medicamentos, quanto para a criação de estratégias visando à utilização sustentável desses animais.

Palavras- chave: medicina popular, zooterapia, etnozootologia e conservação.

### ABSTRACT

This article discusses the use of animals in traditional medicine of the Pankararu Indians, located in the countryside of the State of Pernambuco, northeastern Brazil. The study was conducted between the months of January to June 2010, conducting open and semi-structured interviews with 20 informants of both sexes, whose ages ranged 41-78 years, selected according to the indication of the residents themselves. Was recorded a total of 51 ethnoespecies of animals used in traditional medicine of Pankararus indicated for the treatment of 25 diseases diagnosed locally. The animals listed are distributed in five taxonomic categories: insects, birds, mammals, reptiles and amphibians. Of these, insects and mammals were the most representative groups. The results demonstrate the importance of animals to in folk medicine of Pankararus, and become a relevant source of data both for pharmacological industries in the discovery of new drugs, as for the creation of strategies aimed at sustainable use of these animals.

**Key words:** folk medicine, zotherapy, ethnozootology and conservation

---

### Introdução

A utilização de animais ou produtos derivado destes para fins medicinais é definida como zooterapia (Costa-Neto 2000), esta resulta do

conhecimento tradicional acumulado e transmitido de geração a geração, especialmente por meio da tradição oral, e ocorre principalmente em locais que

não oferece fácil acesso a médicos e drogas farmacológicas, representando uma alternativa aos medicamentos alopáticos (Alves *et al.* 2008).

Desde tempos antigos, animais, suas partes e seus produtos têm se constituído em grande parte dos inventários de substâncias utilizadas na medicina popular por várias culturas (Lev 2006). Estes recursos representam uma alternativa aos medicamentos alopáticos e seus usos são impulsionados pela diversidade biológica, acessibilidade e disponibilidade dos recursos faunísticos, eficácia percebida e aspectos socioeconômicos e culturais (Alves *et al.* 2008).

No Brasil o interesse, a valorização e a sistematização do uso de recursos naturais para fins terapêuticos remontam ao período colonial, mais especificamente durante o domínio holandês, quando Guilherme Piso e Jorge Marcgrave, médico e naturalista, respectivamente, descreveram o uso de recursos animais e vegetais no tratamento de várias enfermidades no Nordeste (Silva *et al.* 2004).

Esta prática vem se perpetuando ao longo dos tempos através da medicina popular, sendo desenvolvida até os dias atuais por diversas culturas (Alves *et al.* 2008), culminando na hipótese da universalidade zoterápica, segunda a qual toda cultura humana que apresenta um sistema médico desenvolvido utiliza animais como fonte de remédios (Marques 1994).

Estudos desenvolvidos a cerca da relação homem/natureza têm constatado que muitas comunidades possuem sistemas próprios de manejo, resultado da experiência acumulada durante séculos de relação com os recursos, que permitem suprir suas necessidades com um prejuízo ambiental mínimo (Diegues 1994, Begossi 1998, Albuquerque 1999, Adams 2000, Moreira 2000).

Além da importância para a criação de formas alternativas de manejo, os estudos etnozoólogos têm contribuído para a descoberta de substâncias de origem animal com aplicação médica e industrial. Hoje, de 255 químicos essenciais que foram selecionados pela organização Mundial da Saúde, 11,1% têm origem nas plantas, enquanto que 8,7% têm origem nos animais (Marques 1997).

Deste modo estudos sobre a utilização de animais na medicina popular são relevantes tanto do ponto de vista cultural, com a documentação dos conhecimentos tradicionais e fortalecimento da identidade cultural e da indústria farmacológica, já que diversas drogas existentes tiveram origem da natureza, podendo estas pesquisas implicar na descoberta de novos remédios para o uso humano (Alves e Rosa 2005), quanto de uma perspectiva ecológica, uma vez que algumas das espécies usadas na medicina popular encontram-se ameaçadas de extinção, tais estudos que investiguem as espécies de animais usadas para propósitos medicinais, tornam-se fundamentais para elaboração de estratégias de conservação e manejo para espécies (Alves 2007).

Diante disto este trabalho objetivou inventariar os animais utilizados na medicina popular dos índios Pankararus, residentes no Nordeste de Pernambuco, Brasil, buscando fomentar discussões sobre a importância da conservação das riquezas biológicas e culturais.

## Material e Método

O estudo foi realizado na Tribo Pankararu localizado próximo ao vale do rio São Francisco, entre os municípios de Tacaratu, Petrolândia e Jatobá no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil (Figura 1). O centro da reserva é a localidade de Brejo dos Padres, um pequeno vale de terras férteis que possui várias fontes de água. Há também diversas outras comunidades como Tapera, Serrinha, Marreca, Caldeirão, Bem-Querer e Cacheado (Gaspar 2009). Os índios Pankararu formam uma população de cerca de 4,000 pessoas que habitam uma área demarcada de 8.100 hectares (Matta 2005). Eles retiram seu sustento basicamente da agricultura familiar, com o cultivo de roças de feijão, milho, mandioca e da colheita de frutas como pinha, goiaba, manga, caju, murici, banana e umbu (Magalhães e Moura 2008). Outra atividade econômica importante nesta região é o artesanato, baseado na produção de cestos, abanos e bolsas de cipó, vassouras, mantas e potes de barro.

Estes povos durante muito tempo ficaram no esquecimento, pela premissa de não haver mais índios no Nordeste brasileiro. Isso aconteceu devido em boa parte à extinção dos aldeamentos existentes na região, além do fato de que, miscigenados, perderam muito de suas características físicas e culturais (Cunha 1999).



**Figura 1.** À direita o mapa do Brasil, com destaque para o Estado de Pernambuco, à esquerda o mapa com a localização da Aldeia Pankararu no limite dos Municípios de Jatobá, Tacaratu e Petrolândia.

A região habitada pela tribo possui uma vegetação típica da caatinga formada principalmente por árvores e arbustos baixos, muitos dos quais apresentam espinhos e microfilia, encontra-se principalmente espécies com características xerofíticas que lhes permite tolerar condições de aridez. A região é marcada pelo clima semi-árido, com chuvas irregulares e estações do ano pouco definidas, apresenta ainda alguns brejos de altitudes (Prado 2003).

Levantamentos sobre a fauna da caatinga mostram uma diversidade biológica consideravelmente alta para esta região, revelando a existência de 187 espécies de abelhas (Zanella e Martins 2003), 167 espécies de répteis e anfíbios (Rodrigues 2003), 240 espécies de peixes (Rosa *et al.* 2003), 62 famílias e 510 espécies de aves (Silva *et al.* 2003) e 148 espécies de mamíferos (Oliveira *et al.* 2003). Segundo Leal *et al.* (2003) o número real de espécies na Caatinga é provavelmente, ainda maior, uma vez que 41% da região não foi investigada e 80% permanece sub-amostrada.

Essa biodiversidade, porém está bastante ameaçada, com a substituição de espécies vegetais nativas por cultivos e pastagens. O desmatamento e as queimadas são ainda práticas comuns no preparo da terra para a agropecuária que, além de destruir a cobertura vegetal, prejudica a manutenção de populações da fauna silvestre, a qualidade da água, e o equilíbrio do clima e do solo (MMA 2006).

Atualmente 34 espécies da fauna da Caatinga encontram-se na lista de animais ameaçados de extinção publicada pelo Ministério do Meio Ambiente sendo distribuídos nas seguintes categorias: 19 vulneráveis, 6 em perigo, 8 criticamente em perigo e uma, *Cyanopsitta spixii* (ararinha-azul), com classificação de extinta em ambientes naturais criticamente ameaçados (Machado *et al.* 2005).

Além dos aspectos ambientais, a Caatinga distingue-se pela sua importância social. São diversas populações que nela vivem, incluindo comunidades tradicionais e quilombolas, povos indígenas e agricultores familiares, que fazem parte do patrimônio histórico e cultural brasileiro, e detêm um conhecimento tradicional e milenar sobre sua biodiversidade (MMA 2006). A escolha dessa etnia para a realização do trabalho foi influenciada pela localização da mesma, assim como também pela ausência de dados relevantes tanto sobre a diversidade biológica nesta localização quanto a respeito de como as comunidades locais utilizam os recursos naturais presente.

#### *Coleta e Análise de dados*

A pesquisa foi desenvolvida entre os meses de janeiro a junho de 2010, por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas apresentando perguntas flexíveis e interativas, permitindo o aprofundamento em determinados aspectos, de acordo com o andamento da entrevista (Salgado e Guido 2008). Na primeira visita procurou-se a liderança da etnia, representada pelo cacique, com o propósito de solicitar a liberação para o desenvolvimento do estudo e explicar ao mesmo e demais representantes da comunidade a finalidade da pesquisa.

As entrevistas foram conduzidas com 20 informantes de ambos os sexos, cujas idades variaram de 41 a 78 anos, residentes nas comunidades de Brejo dos Padres, Fonte Grande, Carrapateira, Calderão e Gitor. A seleção dos informantes foi realizada através da técnica “bola de neve” (Albuquerque e Lucena 2004) técnica de amostragem em que um informante culturalmente competente recomenda outro de competência similar, repetindo-se o processo a partir dos novos incluídos, dessa forma participaram das entrevistas pessoas a quem a comunidade recorre para aconselhamentos, como o cacique, pajés, benzedeiros e especialistas nativos.

Os questionários abordavam questões sobre a utilização de animais na medicina popular da etnia, tais como quais os animais utilizados, partes usadas, doenças tratadas, modos de preparação e administração. No início de cada entrevista era explicado aos participantes do que se tratava a pesquisa e quais os seus objetivos, os mesmo tomaram conhecimento e assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido concordando em participar da pesquisa.

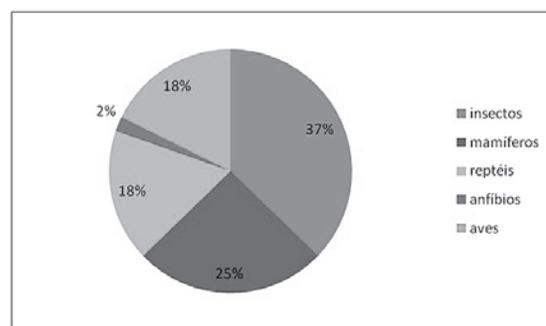
Os dados obtidos foram processados seguindo a abordagem emicista/eticista, na qual os conhecimentos são comparados com aqueles correspondentes ou correlacionados na literatura científica, conforme utilizado por Marques (1995), e foram devidamente anotados em caderno de campo e quando permitido as entrevistas foram registradas com o auxílio de um gravador portátil para formato MP3, além de fotografadas.

As espécies citadas não foram coletadas visando à conservação desses animais. Eles foram identificados a partir de pistas taxonômicas fornecidas pela população local e consulta à Guias de campos específicos (Major *et al.* 2004, Freitas e Silva-Silva 2005, 2007; Buzzi 2009). Na análise de dados foi utilizada a metodologia qualitativa que permitiu o esclarecimento de como os povos em estudos compreende e utilizam os recursos faunísticos, e a quantitativa que permite estabelecer médias e porcentagem para realizar análise e comparações dos dados.

## Resultados e Discussão

A partir do estudo registrou-se 51 etnoespécies de animais utilizados na medicina popular dos índios Pankararus, dos quais são extraídos 56 recursos zooterápicos para o tratamento de 25 enfermidades diagnosticada localmente, tais como gripe, bronquite, coqueluche, diabetes, feridas na boca de criança, vista, gastrite, glaucoma, asma, derrames, retenção de urina, hemorragia, caxumba, epilepsia, dor dente, dor de ouvido, alcoolismo, fraqueza, sarampo, reumatismo, inchaço, cicatrização, estrepada, dor de cabeça e vermelhidão na pele (Quadro 1).

Os animais listados distribuem-se em cinco categorias taxonômicas: insetos, anfíbios, répteis, aves e mamíferos (Figura 2).



**Figura 2.** Animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararus, Pernambuco.

Dentre estas os insetos têm um maior destaque, devido em grande parte a utilização de méis para fins medicinais, sendo citados pelo menos uma vez por cada entrevistado. De acordo com Costa-Neto e Pacheco (2004) o percentual significativo de insetos na medicina popular deve-se a substâncias biologicamente ativas presentes em seus corpos, constituindo-se em uma fonte principal de terapêuticos com diversos potenciais, incluindo moléculas que matam células cancerígenas, proteínas que previnem o sangue de coagular, enzimas que degradam pesticidas, peptídeos e toxinas antimicrobianos.

A segunda categoria mais citada é representada pelos mamíferos, onde se pôde notar além de espécies silvestres, a presença de mamíferos

domésticos como boi, cabra, bode, carneiro e cachorro. Os mamíferos silvestres e domésticos são comumente utilizados como recurso alimentar e seus produtos e partes são aproveitados na zooterapia popular. Resultados similares foram obtidos por Costa-Neto (1999) no Nordeste da Bahia, apresentando também como um dos grupos mais representativos.

A ausência da citação de peixes pelos informantes pode ser explicada pelo fato de que a pesca não representa um traço cultural da etnia Pankararu, além disso, as fontes de água existentes representam a morada dos “encantados”, espíritos ancestrais, não sendo, portanto utilizadas como locais de captura de peixes.

Em relação às aves, foram citadas 9 espécies sendo três variedades domésticas e 6 aves típicas da caatinga. Os informantes justificaram a não utilização da maioria das espécies de aves encontradas na região devido ao simbolismo religioso, onde há representações do sagrado entre espécies da avifauna.

Levando-se em consideração o número de vezes que cada etnoespécie foi citada como recurso zooterapêutico para o tratamento de males específicos, os mais citados foram: *Tropidurus torquatus* Wied, 1820 - lagartixa, citada 17 vezes para o tratamento de sarampo e vermelhidão na pele, *Tupinambis merianae* Duméril & Bibron, 1839 - Teiú, cuja banha foi indicada 15 vezes para inflamação e vermelhão na pele, *Crocodylidae* – jacaré, cujo couro foi citado por 15 informantes para tratar derrames e asma, *Boa constrictor constrictor* Linnaeus, 1758 – jibóia, indicada 12 vezes para dores nas articulações e estrepada (12), *Ovis áries* Linnaeus, 1758 – carneiro, cuja banha foi indicada 12 vezes para o tratamento de reumatismo e *Iguana iguana* Linnaeus, 1758 - camaleão, indicada por 11 indivíduos para o tratamento de reumatismo e inflamação.

Apesar da escassez de estudos que comprovem as potencialidades terapêuticas dos animais supracitados, estas espécies também apresentam uso relatado em outras regiões, como para o estado da Bahia nas cidades de Glória (Costa-Neto 1999),

Chapada Diamantina (Moura e Marques 2008), Paulo Afonso (Santos e Lima 2009) e Feira de Santana (Andrade e Costa-Neto 2006), e para os estados de Pernambuco (Silva *et al.* 2003) e Paraíba (Alves *et al.* 2008).

Na zooterapia popular a obtenção dos remédios se dá mediante a utilização do espécime inteiro, de partes dos seus corpos ou produtos extraídos deles, como a banha e sebo, couro, pena, espinhos, escamas, ossos e fígado (Silva *et al.* 2003). As partes citadas pelos informantes seguem essa tendência com citação de banha, carne, casco, pêlo, ossos, chifres, fígado, pena e couro.

A banha foi a forma de elaboração mais citada, tendência encontrada também nos estudos de Costa-Neto (1999a, 1999b); Silva *et al.* (2003) e Moura e Marques (2008), indicadas na medicina popular dos Pankararus para o tratamento de 10 doenças: “reumatismo, nariz entupido, estrepada, dores de cabeça, inflamação, inchaço, problema de vista, cicatrização, dor de dente e vermelhidão na pele”.

Em relação aos produtos animais citou-se: mel, leite, fezes, urinas, ninhos e pó. A porcentagem da utilização de méis é bastante significativa (47 %), utilizados para o tratamento de diferentes doenças como “gripe, bronquite, coqueluche, diabetes, feridas de boca em crianças, problemas de vista e gastrite”. O mel é um produto com aplicações clínicas na medicina moderna no tratamento de feridas, úlceras e queimaduras (Farouk *et al.* 1988, Nazrul-Islam *et al.* 1993, apud Alves 2007).

O modo de preparo dos zooterápicos na medicina popular dos Pankararus pode envolver associações com ervas, e/ou conter misturas de partes de diferentes animais. Na elaboração de defumadores, usualmente utilizados pela etnia para “curar mal que passa” (derrames), exemplifica bem o exposto à cima. Sua preparação requer a seguinte mistura: couro de jacaré, cupim preto, pena de anu, pena de galinha, chifre de boi, matruz com raiz e catingueira.

No tocante ao modo de uso, as partes secas dos animais como couros, penas e pêlos são comumente queimados e inalados pelos enfermos, ao passo que banhas e secreções são utilizadas para massagear áreas afetadas principalmente por dores nas

articulações, ou ingeridas oralmente. Registrou-se também a produção de pós a partir de baratas, carochas ou partes duras como ossos de animais, os quais deverão ser misturados a comidas ou bebidas.

Outro ponto relevante que envolve a preparação dos medicamentos à base dos animais é sua associação com simpatias, na qual os enfermos não devem saber a respeito da origem do medicamento, esta crença determinaria a eficácia do mesmo. Tendência, bastante freqüente na medicina popular que também foi evidenciada em outros estudos (Silva 2008, Costa-Neto 2000, Lima 2000, Alves e Souza 2000).

De acordo com os informantes, os animais listados são obtidos através da caça ou comprados em feiras livres nos municípios de Jatobá, Petrolândia e Tacaratu, Estado de Pernambuco ou em Paulo Afonso-BA, quando não são encontrados nas matas da aldeia, a exemplo do couro de jacaré e alguns tipos de méis.

A maioria dos animais citados foi prescrita para o tratamento de mais de uma doença, podendo ser utilizados também diferentes partes do corpo de um mesmo animal, tais como galinha de capoeira (*Gallus gallus domesticus* Linnaeus, 1758) da qual é extraído banha e pena, do urubu (*Coragyps atratus* Bonaparte, 1850) é utilizado a pena e o fígado para duas diferentes enfermidades, do cangambá (*Conepatus semistriata* Lichtenstein, 1836) é aproveitado tanto o osso como a carne, da jumenta preta (*Equus asinus* Linnaeus, 1758) extraísse leite e ossos, o tatu peba (*Euphractus sexcinctus* Linnaeus, 1758) fornece a banha e o casco, e do cupim (*Nasutitermes acrocephalus* Silvestri, 1930) utilizam tanto o animal inteiro como a sua casa. É importante salientar também que uma mesma doença pode ser tratada por diferentes espécies.

No presente estudo foram registrados alguns animais percebidos pela própria comunidade como “ofensivos”, “asquerosos” e “nojentos” como a barata, a carocha, o sapo e o urubu, utilizados frequentemente para o tratamento de “asma; cólica de bebê; reumatismo; dor de dente e alcoolismo respectivamente. Segundo Costa-Neto e Pacheco

(2004) historicamente a utilização de baratas é bastante antiga, sendo recomendado por médicos homeopatas, que as consideram um excelente medicamento, e até mesmo específico, contra a asma (Nogueira *et al.* 1998 apud Costa-Neto e Pacheco 2004).

Os chineses administravam a pele e as secreções das glândulas parótidas de sapos para regular as funções corporais internas e a fertilidade ou como uma panacéia contra mordida de cachorro (Costa-Neto e Resende 2004). Nos mercados de Recife vendem-se penas e fígado de urubu para tratar asma e alcoolismo (Silva *et al.* 2003).

O número de animais indicados como utilizadas na medicina popular dos índios Pankararú são bastante significantes, entretanto esta prática é geralmente conhecida e desenvolvida por pessoas mais idosas como curandeiros e benzedeiros, a mesma tem sido reduzida em função da maior facilidade na aquisição de remédios alopáticos e ao desinteresses demonstrados pela parcela mais jovem da etnia em adquirir esses conhecimentos. As práticas zoterápicas são transmitidas através das gerações por meio da tradição oral e preservadas como traço cultural deste povo.

De acordo com os entrevistados o número de animais existente na aldeia tem diminuído em função das atividades de caça e do desmatamento das matas para construção de novas casas. Esta afirmação foi expressa em 100 % das entrevistas e pode ser evidenciados através dos depoimentos abaixo:

(Sr. M. J.) “Antigamente o preá e a cobra passava assim em frente de casa, por que antes era tudo matagal, ai tinha mais bicho, hoje é um monte de casa, ai os bichinhos diminuiu”;

(Sr. E.) “Não, os animais diminuiu devido a devastação, as queimadas nas roças, então eles estão ficando sem espaço e também por que eles estão sendo perseguidos pelos caçadores”

(Sr. J. G.) “Animais ta difícil, você anda e não encontra mais, por que a natureza ta ficando destruída, aqui se falava que tinha até bicho feroz, antes cinquenta anos atrás a caça batia nas portas da gente”.

Diversos estudos têm apresentado preocupação com a super exploração dos animais utilizados na medicina popular (Almeida e Albuquerque 2002, Alves e Rosa 2007, Alves e Dias 2010), uma vez que estes, geralmente já são empregadas como fonte de alimentos, tal pressão aliada a fatores ambientais estaria favorecendo a extinção de diversas espécies da fauna silvestre da caatinga, contudo esta prática representa uma alternativa terapêutica importante para a população local, podendo também assumir relevância para toda população humana, através da descoberta de novas drogas.

Diante desta problemática os estudos etnozoológicos assumem papel importante para a conservação das espécies faunísticas, pois a partir do entendimento de como os povos estão utilizando a fauna local, pode-se diagnosticar os animais sobreexplorados, e traçar estratégias de melhor aproveitamento desses recursos faunísticos, visando à utilização sustentável dos mesmos.

### **Agradecimentos**

Aos informantes por terem compartilhado seu tempo, suas experiências e conhecimentos com os autores.

### **Literatura citada**

- Adams, C. 2000. Caiçaras na mata atlântica: pesquisa científica versus planejamento e gestão ambiental. Annablume/FAPESP, São Paulo.
- Albuquerque, U.P. 1999. La importancia de los estudios etnobiológicos para establecimiento de estrategias de manejo y conservación en las florestas tropicales. Biotemas 12: 31-47.
- Albuquerque, U.P. e R.F.P., Lucena. 2004. Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica. 1. Ed. Recife. Livro Rápido/NUPEEA.
- Almeida, C.F. e U.P., Albuquerque. 2002. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco: um estudo de caso no Agreste. Interciencia (Caracas), Venezuela 27(6): 276-285.
- Alves, A.G.C. e R.M., de Souza. 2000. Etnoecologia de um ambiente estuarino no Nordeste do Brasil: conhecimento dos “mariscos” (Mollusca: Bivalvia) por mulheres no canal de Santa Cruz. Em: Sustentabilidade de Estuários e Manguezais: Desafios e Perspectivas. Anais da Conferência Internacional - Mangrove. Recife, CD – ROM.
- Alves, R.R.N. e I. Rosa. 2005. Why study the use of animal products in traditional medicines? J Ethnobiol Ethnomed 1: 1-5.
- Alves, R.R.N. 2007. Uso de Invertebrados na Medicina Popular no Brasil. Caderno Cult. Ciências v. 3, n1: 45-51.
- Alves, R.R.N. e I., Rosa. 2007. Zootherapeutic practices among fishing communities in North and Northeast Brazil: A comparison. Journal of Ethnopharmacol. 111(1): 82-103.
- Alves, R.R.N.; C.C., Silva e H.N., Alves. 2008. Aspectos sócio-econômicos do comércio de plantas e animais medicinais em área metropolitana do Norte e Nordeste do Brasil. Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 8: 181-189.
- Alves, R.R.N.; T.C., Soares e J.S., Mourão. 2008. Uso de animais medicinais na comunidade de Bom Sucesso, Soledade, Paraíba. Sitientibus. Série Ciências Biológicas, v. 8: 142-147.
- Alves, R.R.N. e T.L.P., Dias. 2010. Usos de invertebrados na medicina popular no Brasil e suas implicações para conservação. Tropical Conservation Science, 3: 159-174.
- Andrade, J. e E.M. Costa-Neto. 2006. O comércio de produtos zoterápicos na cidade de Feira de Santana, Bahia, Brasil. Sitientibus. Série Ciências Biológicas, Feira de Santana - BA, v. 6, n. Especial, p. 37-43.
- Buzzi, Z.J. 2009. Nomes Populares de Insetos e Ácaros do Brasil. Curitiba, Paraná, Brasil: UFPR.
- Costa-Neto, E.M. 1999. Recursos animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararé que habitam no nordeste do estado da Bahia, Brasil. Actualidades Biológicas, Medellín, v. 21, n. 70: 69-79.
- Costa-Neto, E.M. 2000. Conhecimento e usos tradicionais de animais por uma comunidade afro-brasileira do Parque Nacional Chapada Diamantina, Bahia, Brasil. Resultados preliminares. Interciencia (Caracas), v. 25, n 9: 423-431.

- Costa-Neto E.M. e J.J. Resende. 2004. A percepção de animais como "insetos" e sua utilização como recursos medicinais na cidade de Feira de Santana, Estado da Bahia, Brasil. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, Maringá - PR, v. 26, n. 2: 143-149.
- Costa-Neto E.M. e J.M. Pacheco. 2004. A construção do domínio etnozoológico "inseto" pelos moradores do povoado de Pedra Branca, Santa Terezinha, Estado da Bahia. *Acta Scientiarum Biological Sciences*, Maringá - PR, v. 26, n. 1: 81-90.
- Cunha M.C. 1999. A Música Encantada Pankararu (toantes, toré, ritos e festas na cultura dos índios Pankararu). Dissertação de Mestrado em Antropologia Cultural, Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Brasil, Recife.
- Diegues A.C. 1994. O mito moderno da natureza intocada. NUPAUB, São Paulo, p- 200.
- Freitas M.A. e T.F.S. Silva. 2005. Guia ilustrado- Mamíferos na Bahia: espécies continentais. Pelotas: USEB.
- Freitas M.A. e T.F.S. Silva. 2007. A Herpetofauna das Caatingas e Áreas de Altitudes do Nordeste Brasileiro. Pelotas: USEB.
- Gaspar L. 2009. Índios Pankararu. Pesquisa Escolar On-Line, Fundação Joaquim Nabuco, Recife. Disponível Em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2010.
- Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva 2003. Ecologia e conservação da Caatinga. R Gonçalves e C.R. Bonvicino. Mamíferos da Caatinga. 2003. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 275-333.
- Lev E. 2006. Cura com animais no Levante a partir do dia 10 ao século 18. *Journal of Ethnobiology Etnomedicina*.
- Lima D.C.O. 2000. Conhecimentos e práticas populares envolvendo insetos na região em torno da Usina Hidrelétrica de Xingó (Sergipe e Alagoas). Monografia, Universidade Federal Rural de Pernambuco, UFRPE, Brasil, Recife.
- Machado A.B.M., C.S. Martins e R.T. Drummond. 2005. Lista da fauna ameaçada de extinção: incluindo as listas das espécies quase ameaçadas e deficientes em dados. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas.
- Magalhães J. e M. Moura. 2008. Contraste e identidade entre duas comunidades da etnia. *Brasil Indígena*, ano III, n. 4.
- Major I., L.G. Sales e R. Castro. 2004. Aves da Caatinga. Fortaleza: Associação da Caatinga.
- Marques J.G.W. 1994. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. In: Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o progresso da Ciência, Vitória, UFES 46: 304.
- Marques J.G.W. 1995. Pescando Pescadores: Etnoecologia abrangente no baixo São Francisco alagoano. São Paulo: NUPAUB / USP.
- Marques J.G.W. 1997. Fauna medicinal: recurso do ambiente ou ameaça à biodiversidade? *Mutum* 1(1): 4.
- Matta P. 2005. Dois Elos da Mesma Corrente: Uma Etnografia da Corrida do Umbu e da Penitência entre os Pankararu. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, USP, Brasil, S. P.
- Ministério do Meio Ambiente. 2006. Conservação e uso sustentável em áreas protegidas e corredores: uma contribuição para a superação da pobreza nos biomas Caatinga e Cerrado.
- Moreira A.C.C. 2000. Reserva extrativista do Bairro Mandira: a viabilidade de uma incerteza. *Annablume/FAPESP*, p- 284.
- Moura F.B.P. e J.G. Marques. 2008. Zooterapia popular na chapada diamantina: uma medicina incidental? *Ciência & Saúde Coletiva*. 13: 2179-2188.
- Oliveira J.A., P.R. Gonçalves e C.R. Bonvicino. Mamíferos da Caatinga. 2003. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 275-333.

- Prado D. 2003. As caatingas da América do Sul. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 3-73.
- Rodrigues M.T. 2003. Herpetofauna da Caatinga. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 181-236.
- Rosa R.S., N.A. Menezes, H.A. Britski, W.J.E.M. Costa, e F. Groth. 2003. Diversidade, padrões de distribuição e conservação dos peixes da Caatinga. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 135-180.
- Salgado C.L. e L.F.E. Guido. 2008. O conhecimento popular sobre plantas: um estudo etnobotânico em quintais do distrito de Martinésia, MG. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade, IV ENANPPAS - Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ambiente e Sociedade, Anais. Brasília.
- Santos C.A.B. e J.R.B Lima. 2009. Estudo etnozoológico: o comércio de produtos de origem animal utilizados como produtos farmacológicos nas cidades de Paulo Afonso-BA e Delmiro Gouveia-AL. Ouricuri 1: 115-128.
- Silva A.L. 2008. Aniamis medicinais: Conhecimento e uso entre as populações ribeirinhas do rio Negro, Amazonas, Brasil. Bol. Mus. Para. Emílio Goldi. Ciências Humanas 3: 343-357.
- Silva M.L.V., Alves A.G.C. e A.V. Almeida. 2004. A Zooterapia no Recife (Pernambuco): uma articulação entre as práticas e a história. Biotemas 17: 95-116.
- Silva J.M.C., M.A. de Souza, A.G.D. Bieber e C.J. Carlos. 2003. Aves da Caatinga: status, uso do habitat e sensibilidade. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 237-273.
- Zanella F.C.V. e C.F. Martins. 2003. Abelhas da Caatinga: biogeografia, ecologia e conservação. Em: Leal I.R., M. Tabarelli e J.M.C. Silva (eds.). Ecologia e conservação da Caatinga. Recife: Universitária, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Brasil, p. 75-134.

**ACEPTADO:** 15 DE NOVIEMBRE DE 2010

**PUBLICADO:** 31 DE DICIEMBRE DE 2010

**Quadro 1.** Animais utilizados na medicina tradicional dos índios Pankararú, Pernambuco.

<b>NOME LOCAL</b>	<b>PISTA TAXONÓMICA</b>	<b>PARTE OU PRODUTO UTILIZADO</b>	<b>INDICAÇÃO</b>	<b>Nº DE CITAÇÕES</b>
<b>Insetos</b>				
Abeia branca	<i>Frieseomellita</i> sp.	Mel	Gripe	1
Abelha	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758.	Mel	Bronquite/Coqueluche	4
Abelha arapuá	<i>Trigona spinipes</i> (Fabricius)	Mel	Diabete	2
Abelha de urucu	<i>Melipona</i> spp.	Mel	Bronquite/Diabetes/ Ferida na boca de menino/Vista	7
Abelha italiana	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758.	Mel	Gripe	5
Abelha mosquito	<i>Plebeia</i> sp.	Mel	Torçe/Ferida na boca de menino	5
Abelha oropa	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758.	Mel	Cortar gripe	3
Abelha papa-terra	<i>Apis mellifera</i> Linnaeus, 1758.	Mel	Gastrite/Glau coma	5
Baía (pupa)	Lepidoptera	Casulo	Cólica de criança	1
Barata	<i>Periplaneta americana</i> Linnaeus, 1758.	Integral	Asma	3
Carocha	Coleóptera, Curculionidae	Integral	Cólica de criança/Asma	7
Cupim preto	<i>Nasutitermes macrocephalus</i> Silvestri, 1903.	Casa/ integral	Asma/Derrames	5
Formiga vermelha	Formicidae	Integral	Dor de urina	2
Formiga	Formicidae	Integral	Vista/Asma	5
Enxu chapéu	<i>Apoica pallens</i> Fabricius, 1804.	Casa	Derrames	1
Grilo	<i>Gryllus</i> sp.	Integral	Urina presa	3
Largata do angico	Lepidoptera	Pó produzido pela largata	Taiar o sangue	1
Maria de Barro	Eumeninae (família)	Casa	Caxumba	3
Tanajura	<i>Atta</i> spp. Linnaeus, 1758.	Integral	Vista	3

Quadro 1 (em seguida).

NOME LOCAL	PISTA TAXONÔMICA	PARTE OU PRODUTO UTILIZADO	INDICAÇÃO	Nº DE CITAÇÕES
<b>Anfíbios</b>				
Sapo-Cururu	<i>Chaunus jimi</i> Stevaux, 2002.	Banha	Reumatismo/Dor de dente/ Estrepe/Cicatrização	6
Cágado	<i>Chelonooides denticulata</i> Linnaeus, 1766.	Banha	Inchaço/Dor de cabeça/ Ferida/Dor de dente	7
Camaleão	<i>Iguana iguana</i> Linnaeus, 1758.	Banha	Inflamação/Reumatismo	11
Cascavel	<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758.	Banha	Estrepada/Inflamação	3
Catenga	<i>Tropidurus hispidus</i> Spix, 1825.	Integral	Sarampo	1
Jacaré	Crocodylidae (família)	Couro	Derrames/Asma	15
Jararaca	<i>Bothrops erythromelas</i> Amaral, 1923.	Couro	Derrames	1
Jibóia	<i>Boa constrictor constrictor</i> Linnaeus, 1758.	Banha	Estrepada/Dores nas articulações	12
Lagartixa	<i>Tropidurus torquatus</i> Wied, 1820.	Integral	Sarampo/Vermelho na pele	17
Teiú	<i>Tupinambis merianae</i> Duméril & Bibron, 1839	Banha	Vermelho na pele/Inflamação	15
<b>Aves</b>				
Anu Preto	<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758.	Pena	Asma/Bronquite	4
Caraçá		Pena	Pelepsia	1
Emá	<i>Rhea americana</i> Linnaeus, 1758.	Banha	Limpar a vista	1
Galinha	<i>Gallus gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758	Banha	Nariz entupido/Dor de dente	3
Galinha de capoeira	<i>Gallus gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758.	Banha Pena	Catarro/Derrames	3

Quadro 1 (em seguida).

NOME LOCAL	PISTA TAXONÔMICA	PARTE OU PRODUTO UTILIZADO	INDICAÇÃO	Nº DE CITAÇÕES
Galinha Pelelé	<i>Gallus gallus domesticus</i> Linnaeus, 1758.	Banha	Nariz entupido	1
Gavião	<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816.	Pena	Pelepsia	1
Papagaio	<i>Amazona aestiva</i> Linnaeus, 1758	Fezes	Dor de ouvido	1
Urubu	<i>Coragyps atratus</i> Bonaparte, 1850.	Pena Fígado	Dor de dente Alcoolismo	4
<b>Mamíferos</b>				
Bode Preto	<i>Capra hircus</i> Linnaeus, 1758.	Barba (Pêlo)	Derrames	1
Boi	<i>Bos taurus</i> Linnaeus, 1758.	Chifres	Derrames	2
Cabra	<i>Capra hircus</i> Linnaeus, 1758	Leite	Fortificar crianças	1
Cachorro	<i>Canis familiaris</i> Linnaeus, 1758.	Fezes	Sarampo	5
Carneiro		Banha	Reumatismo	12
Cangambá	<i>Conepatussemistriata</i> Lichtenstein, 1836.	Osso/carne	Reumatismo	4
Cútia	<i>Dasyprocta aguti</i> Linnaeus, 1776.	Banha	Inchaço	1
Jumenta preta	<i>Equus asinus</i> Linnaeus, 1758.	Leite Ossos	Coqueluche/Asma	6
Purané	Rodentia	Pêlo	Cicatrização	2
Raposa	<i>Cerdocyon thous</i> Linnaeus, 1766.	Urina	Reumatismo	2
Sarué	<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840.			1
Tatu Peba	<i>Euphractus sexcinctus</i> Linnaeus, 1758.	Banha Casco	Estrepada/Derrames	3
Veado	Mazama gouazoupira Fischer, 1814.	Carne	Fortificar	2